

# SÍNTESE DA HISTÓRIA DO DESPORTO

---

*Fernando Ferreira \**

O Desporto emanou do jogo e acompanhou, ainda que com sobressaltos, o desenvolvimento civilizacional da Humanidade. Isto é, ao princípio era o jogo, simples e primitivo, com regras elementares, evidentemente não escritas.

Os jogos passavam, por tradição, de geração em geração, nasciam de acções instintivas ou inspiravam-se em factos da vida corrente dos tempos mais recuados da história do homem. A este propósito, transcreve-se uma adaptação de um texto de um autor chinês:

«A História do Homem diz respeito ao homem como animal social, à sua inter-relação com os seus semelhantes e com os grupos; à sua civilização e cultura e, especialmente, aos seus jogos. Na pré-história, as suas ocupações primitivas continham como que um aspecto embrionário de competição desportiva, tais como caçar, pescar e lutar enfim, actividades consideradas hoje como actividades desportivas.

No decorrer do tempo, o Homem foi inventando jogos e desportos, como meios de conviver com os seus semelhantes, para demonstrar habilidades, proezas e destrezas de índole física e, também, para divertimento de outrém, provocando, por vezes, estados de exaltação.

Muitos jogos envolvem alguma forma de corrida, lançamento e salto, graças a formas básicas das acções empregues, principalmente, no tipo primitivo de caça. Com a evolução civilizacional, o tipo de vida tribal migratório e de caça predadora, transformou-se em cultura agrária, esbatendo-se as acções cinegéticas conduzindo ao aparecimento dos primeiros jogos, os quais, no rodar dos tempos, se tornaram tradicionais.

Muitas culturas da Antiguidade, como as dos índios aztecas e dos gregos, incorporaram elementos religiosos e políticos nos seus jogos, mas a característica recreativa manteve-se e prevaleceu. Foi esta que, provavelmente, conduziu à codificação desse tipo de jogos dos primeiros tempos e originou a criação de outros.

---

\* Professor de Educação Física aposentado. Antigo Dirigente Olímpico Nacional.

Em virtude do homem primitivo ter dependido da corrida para caçar as suas presas, ou para fugir dos animais que constituíam perigo para ele, desenvolveu-se mais o pedestrianismo, formalizado no decorrer dos séculos, nas competições de estrada e pista. Com o aparecimento das bolas, tacos e bastões, a corrida tornou-se o elemento básico de um leque variado de modernas modalidades desportivas como o futebol, o basquetebol, o andebol, o basebol, o hóquei em campo e o lacrosse. Todavia, nenhum desporto de equipa se baseia essencialmente no salto. Este é solicitado, frequentemente, como acção complementar, no basquetebol e no voleibol.

O estudo dos jogos primitivos, observados segundo a maneira de viver e os rituais dos primeiros séculos das vivências do Homem em sociedade, permitem compreender a transformação das actividades lúdicas e desportivas desde a pré-história. Tal observação constitui uma imagem elucidativa da marcha da civilização no plano histórico».

A actividade mais ou menos desportiva será, provavelmente, tão velha como o Mundo. Figuras de baixos relevos provam que os egípcios já praticavam competições de luta, remo e de justas aquáticas, de três a quatro mil anos antes da Era Cristã. Também existem elementos provando que na China, na Índia e na Pérsia as actividades lúdico-desportivas remontam a milhares de anos. Porém, e segundo Fabrizio Valserra na sua «Historia del Deporte», foi na Grécia Antiga onde, pela primeira vez na História da Humanidade, os exercícios físicos e os jogos atléticos se converteram em instituição, em algo que, integrando-se nos costumes e na vida nacional, adquiriu um carácter educativo, religioso e estético.

Passou-se, assim, das práticas desportivas – provavelmente, pois não se encontram descrições dessas actividades mais antigas antes dos gregos – às primeiras competições devidamente organizadas, em períodos bem determinados, com regras definidas e sob o controlo de juizes. Ainda anteriormente ao avanço registado nas cidades-estado gregas, referência para o jiu-jitsu, antecedente do judo, no Japão, para os jogos que antecederam o polo a cavalo na Pérsia e no Tibete, para o «tlatchhli» jogo típico no México, e para as corridas, pugilato e habilidades com touros na Ilha de Creta.

Fins utilitários, preparação guerreira e reverências religiosas, para além das celebrações festivas, caracterizaram, nomeadamente, os períodos iniciais da prática dos exercícios físicos. Ainda não era o Desporto, como aconteceu na Grécia, nem como o conhecemos hoje. Poderemos talvez classificar essas actividades com a designação genérica de «jogos tradicionais».

As práticas desportivas sem carácter obrigatório ou no cumprimento de compromissos voluntariamente aceites, portanto como livre expressão dos indivíduos, dependem da existência de tempos livres, de lazeres ou ócios, os quais, nos tempos primitivos eram reduzidos. Segundo Bernard Gillet, «O facto de se pedir ao Desporto que seja apenas uma distracção, uma ocupação dos tempos livres, não diminui a sua importância, antes pelo contrário». Por sua vez, Bernard

Guillemain, no seu livro «Le sport et l'éducation», afirma também o seguinte: «Assim, para que haja Desporto torna-se necessário que o lazer tenha um lugar na existência dos indivíduos, entre os valores sociais».

Ora a organização social dos gregos da Antiguidade proporcionou às classes mais elevadas, os senhores, nobres e proprietários de terras, esses tempos livres, o que permitiu a sua dedicação às ciências, às artes, à filosofia, e dos seus descendentes mais jovens aos exercícios físicos. Claro que, com o evoluir dos séculos, e ainda na Antiguidade, as práticas desportivas tomaram cambiantes diferentes.

A par de todo o extraordinário desenvolvimento cultural (escultura, literatura, música, teatro, arquitectura, etc.) e científico (matemática, medicina, astrologia) além da filosofia, cujos expoentes máximos foram Sócrates, Platão e Aristóteles, os gregos dedicaram enorme importância aos exercícios físicos e às competições desportivas. De facto, os helenos, como eram designados os gregos da Antiguidade, tinham o verdadeiro culto da Educação Integral, intelectual, moral e física.

Evidentemente que, já naquele tempo, os exercícios físicos e as competições desportivas não poderiam desligar-se completamente da preparação militar pois as guerras, quer entre as próprias cidades-estado, como contra os invasores persas, vindos da Ásia Menor, eram periódicas. Todavia, foi ainda Valserra quem escreveu: «Foi na Grécia Antiga que, pela primeira vez na História da Humanidade, os desportos se converteram em algo que, incorporando-se nos costumes e em toda a vida das cidades-estado, adquiriram um significado educativo, estético e religioso».

No apogeu da civilização helénica, diz-se que os dias festivos, na maior parte integrando competições desportivas, chegaram a somar, em cada ano, um total de 175. As mais importantes, para além dos Jogos Panatinaicos, efectuados em Atenas, em honra de Palas Ateneia, deusa protectora da cidade, portanto de carácter local, eram as quatro grandes competições abertas a representantes de todas as cidades-estado e mesmo das colónias gregas estabelecidas em Itália e no Norte de África, desde que helenos de nascimento e que nunca tivessem sofrido condenações nos tribunais, a saber:

JOGOS OLÍMPICOS, celebrados em Olímpia de 4 em 4 anos, em honra de Zeus, deus dos deuses, tendo os vencedores, por prémio, uma coroa de ramos de oliveira.

JOGOS PÍTICOS, efectuados em Delfos, de 5 em 5 anos, em honra de Apolo, sendo os vencedores coroados com ramos de loureiro.

JOGOS ÍSTMICOS, tendo lugar no Istmo de Corinto, de 2 em 2 anos, sendo os vencedores coroados com ramos de pinheiro.

JOGOS NEMEUS, celebrados na Nemeia, de 3 em 3 anos, recebendo os vencedores coroas de aipo.

Os Jogos Olímpicos tiveram a mais longa duração e a maior repercussão no mundo helénico. Julga-se que se iniciaram em 884 A.C. mas não foram encontrados registos do facto. Calcula-se terem sido interrompidos por guerras entre as cidades-estado, e a designação, na altura, até nem fosse aquela, porquanto as primeiras manifestações atléticas gregas estavam envoltas no mito e na lenda, com os seus deuses, semi-deuses e heróis.

O primeiro registo histórico concreto consta de uma inscrição gravada em pedra do nome *Koroebus*, vencedor da corrida do estádio, única prova dos Jogos dos tempos mais recuados. Vicissitudes várias, contendas frequentes entre as cidades-estado e uma peste que assolou a região do Peloponeso interrompeu a continuidade das competições. Tal facto levou Iphitos, rei da Elida, zona onde se situa Olímpia, a pedir conselho aos deuses, dirigindo-se ao santuário de Apolo, em Delfos, rogando à sacerdotisa Pithia para interrogar a divindade pedindo-lhe conselho sobre o que fazer para conjurar aqueles males. O oráculo – conselho dos deuses respondendo às interrogações postas interpretado pela sacerdotisa foi de que deviam prosseguir as competições desportivas em honra de Zeus, deus dos deuses.

De volta à sua Elida, Iphitos promoveu acordos com todas as cidades-estado, em especial com Licurgo, rei de Esparta, os espartanos eram o povo mais belicoso da Grécia Antiga, ficando gravado num disco de ferro (conhecido por disco de Iphitos), que durante as competições desportivas de Olímpia, efectuadas de 4 em 4 anos, vigoraria a *trégua sagrada* e a zona era inviolável, nela não se podendo entrar armado. Segundo dados mais precisos e, certamente, aperfeiçoada a organização com o decorrer do tempo, a *trégua sagrada* durava três meses, marcado o seu início pelo anúncio de mensageiros visitando todas as cidades e dando conhecimento da realização dos Jogos Olímpicos.

Se, ao princípio, o programa incluía apenas a *corrida do estádio* (192 metros correspondentes aos iniciais 600 pés de Heracles) outras provas foram sendo adicionadas, a saber:

- *Diaulos* (384 metros correspondentes a dois estádios, corridos ida-e-volta).  
O estádio tinha a designação de *dromos*.
- *Dolicos* (24 estádios, correspondentes a 12 idas-e-voltas, perfazendo 4.608 metros).
- *Lançamento do dardo*.
- *Lançamento do disco*.
- *Salto em comprimento*.
- *Luta*.
- *Pancrácio*.
- *Pentatlo* (conjunto de 5 provas formado pela corrida do estádio, os dois lançamentos, o salto e a luta).
- *Corrida de obstáculos com equipamento militar*.

Os dias de provas eram cinco, as competições começavam após um dia de oferendas aos deuses com estátuas no Altis Sagrado, aos quais eram prestadas homenagens no encerramento dos Jogos, com o sacrifício de animais, depois preparados e passados pelo fogo e comidos no banquete final.

Nos períodos áureos da civilização helénica, para além das provas desportivas, efectuavam-se manifestações culturais com a presença dos grandes nomes do conhecimento e da arte, com destaque para a oratória e a música. Olímpia, para além do estádio, dispunha de um hipódromo (estádio = dromos para cavalos = hipo), onde se disputavam as corridas de carros (bigas puxadas a dois cavalos e quadrigas a quatro), era um lugar de culto e de peregrinação, com dois templos principais, o de Zeus, contendo a sua estátua com 13 metros de altura chapeada a ouro e marfim (criselefantina), de autoria do celeberrimo escultor Fídias, e de Hera, sua mulher, deusa da sabedoria e da Família. Espalhadas em todo o recinto existiam as instalações, misto do que se designa hoje como um «centro de estágio» e uma «Aldeia Olímpica», onde os atletas participantes e os seus treinadores se tinham de concentrar durante um mês até ao início das competições, depois de garantirem terem-se preparado por um período de 10 meses.

Somente os gregos de nascimento, do sexo masculino e que nunca tivessem sido punidos por qualquer crime, podiam participar nos Jogos Olímpicos. Às mulheres era proibido, inclusivamente, a presença na assistência salvo à sacerdotisa Demeter Chaminé com lugar destacado num dos lados do estádio oposto ao da tribuna dos juizes. No entanto, houve épocas em que se efectuaram jogos para mulheres, sem continuação, e, ainda, competições para juvenis masculinos, também sem continuidade.

Apesar de toda a conotação religiosa e o rigor das regras e dos juizes, a história assinala casos de corrupção, atletas recebendo dinheiro para facilitarem as vitórias de adversários. Estes casos, quando descobertos, eram assinalados por pequenas estatuetas em bronze representando Zeus e chamadas *zanes*, colocadas em pedestais com inscrição do nome dos faltosos à entrada do túnel conduzindo ao estádio, onde forçosamente passavam todos os concorrentes às provas, quando do desfile inaugural de cada edição dos Jogos Olímpicos. Os vencedores, por «favor dos deuses», como então era entendido, embora apenas recebessem, como prémio, uma coroa de ramos de oliveira, de volta às respectivas cidades-estado, eram cumulados de honrarias e benesses de vária ordem.

No campo político-militar, as eternas lutas entre os gregos das diferentes cidades-estado, ligas e repúblicas, suscitaram a intervenção de Roma que havia implementado um forte poder guerreiro, e a Grécia, invadida, passou a constituir uma província romana no ano 146 antes de Cristo. No entanto, o desenvolvimento cultural e científico helénico penetrou a vida e os costumes dos italianos, levando o escritor Horácio a opinar que «A Grécia, conquistada, conquistou, por sua vez, o seu rude conquistador». Décadas e décadas decorreram e palestras também passaram a funcionar em Roma. Porém, além dos jogos tradicionais com

bolas, sem competições institucionalizadas, o prazer dos romanos das classes privilegiadas ia para o tempo passado nos balneários e termas, algumas enormes e luxuosas, onde os banhos, o convívio e a conversação ocupavam os ócios. Os exercícios físicos continuando, como sempre, exigência da preparação militar, tornaram-se, por outro lado, espectáculo preferencial para divertir as multidões, esquecendo-se a sua finalidade de sistema complementar da instrução.

A degradação das competições desportivas acentuou-se. Os grandes favores do público iam para as corridas de cavalos, e sobretudo de quadrigas nos hipódromos. O estádio grego transformou-se em circo romano. A designação não condiz com a forma que, geralmente, era elíptica, com escadarias distribuídas em vários anéis para melhor visibilidade e comodidade dos espectadores.

Para além das competições hípicas e evoluções de conjuntos de montadas, chamadas «carroceis troianos», as práticas apresentadas nos circos constavam



Reconstituição de um combate de gladiadores no Coliseu de Roma. Usavam-se utensílios e equipamentos diferentes. O competidor da direita, sem protecções, procura manietar o seu adversário com a rede para depois o atacar com o tridente

essencialmente de combates de gladiadores, estes recrutados entre escravos e prisioneiros de guerra, especialmente treinados, e revestindo várias formas, dependentes dos equipamentos, armas e outros utensílios usados para a defesa e para o ataque.

Todavia, sem constituírem espectáculo nem integrados em competições institucionalizadas, os jogos de bola continuaram a praticar-se, com esféricos maiores ou mais pequenos, leves ou pesados, como o «harpastum», com características primitivas do raguebi actual, o «follis», batendo no ar uma bola leve, e o «trigon», bola batida dando ares ao «basebol».

Entretanto, a realização dos Jogos Olímpicos, em Olímpia, continuou, embora apresentando sinais de decadência, mantendo-se a periodicidade quadrienal, enquanto em Roma se propagava o Cristianismo, perseguidos os seus aderentes por contrários à religião politeísta pagã reinante, chegando a ser lançados às feras nos circos.

A propagação crescente da religião cristã, face a uma sociedade cruel e corrupta, levou a que o imperador Teodósio, se tivesse convertido ao Cristianismo e, em consequência do massacre de 300 mil helenos revoltados contra Roma, pedisse perdão ao bispo de Milão. Este, na ocasião, insistiu para que se acabasse com os Jogos Olímpicos. Teodósio acedeu e, por decreto, suprimiu-os no ano de 393 D.C. Com o advento do Cristianismo, ao qual Teodósio se converteu, findaram, igualmente, as cruéis lutas circenses.

Do que fica para trás pode concluir-se:

- Na Grécia as motivações eram religiosas, educativas, estéticas e, também militares.
- Em Roma, espectaculares e militares.

A cada vez maior implantação do catolicismo, inicialmente virado para privilegiar a alma, o espírito, e condenando o corpo, a carne, como razão de todos os males, tendo na memória os cruéis horrores dos espectáculos circenses, fez passar a plano muitíssimo secundário os exercícios físicos.

A todas as divergências de ordem política foi-se sobrepondo a cada vez maior unidade religiosa, ganhando enorme importância o poder papal. As classes sociais aumentaram em número, desde o senhor feudal ao escravo, as terras subdividiram-se. Grandes desigualdades e instabilidade social com leis e costumes a alterarem-se constantemente segundo as directivas dos dominadores do momento.

Neste ambiente, como se compreende, impossível seria existir desporto, quando muito alguns jogos tradicionais, nos raros tempos livres dessas épocas. Por sobre toda essa desordem, o culto religioso foi impondo as suas doutrinas humanitárias e de pacificação e construindo igrejas, mosteiros e conventos, autênticos centros de meditação e de estudo. Ainda, em parte devido à pressão eclesiástica, as lutas entre os senhores feudais, coligados uns contra outros, acabaram

nas organizações monárquicas. A vida das sociedades tornou-se melhor e, para além dos servos da gleba, surgiram os artesãos e mercadores. Institucionalizaram-se as profissões militares e liberais.

Com tempos livres, os nobres, afastadas as guerras constantes, começaram a dedicar-se à equitação e manejo das armas, em aprendizagens sistematizadas, embora e ainda, prevendo a hipótese de futuras batalhas. A *montaria* e a *falcoaria* passaram a actividade de certo carácter desportivo, o mesmo acontecendo com o simulacro de combates, usando a espada, então larga e pesada, a lança, a adaga e o escudo. O treino no manejo das armas levou, em tempos de paz, nos ócios dos nobres e grandes senhores mais jovens, ao advento das *justas* e *torneios*, competições simulando combates, que estiveram em moda durante um certo período da Idade Média, um pouco por toda a Europa.

As *justas* e os *torneios*, devido aos perigos deles decorrentes, começaram a ser criticados e mesmo condenados – lembre-se que o Papa Inocêncio III lhes chamou «festas satânicas» – acabando por cair em desuso. Em Inglaterra, especialmente, foram sendo substituídos pelas corridas de cavalos.

As classes desfavorecidas mantinham os jogos *populares tradicionais*. Poucos a não serem os nobres e a burguesia endinheirada dispunham de meios para possuir cavalos, armaduras e armas.

Os jogos com bolas foram seguindo a sua evolução iniciada na Grécia e em Roma. Em França, a *pela* (paume) teve um desenvolvimento e expansão enormes para o tempo. Jogada, inicialmente batendo a bola (aproximadamente do tamanho da do ténis actual) com a mão, fazendo-a passar de um lado para o outro de uma linha traçada no chão, ao ar livre. Também jogada nos pátios das catedrais e dos castelos, ou ao abrigo das muralhas rodeando as povoações, a pela tornou-se, nos princípios do século XIV, um jogo de interior. Construíram-se salas cobertas, com uma área de cerca de 30 por 12 metros, com galeria de um dos lados para a assistência.

Para baterem a bola, os jogadores passaram a usar luvas, depois um batedor primitivo e, mais tarde raquetas de cabo curto. Seguindo esta evolução, o fabrico de bolas também se aperfeiçoou com o emprego de diferentes materiais chegando o Rei Luís XI a decretar, regulamentando o seu fabrico com crina recoberta com pele de ovelha. Enquanto a pela longa jogada no campo e em outros locais, com vários jogadores de cada lado, perdia influência, a pela curta, praticada nos recintos cobertos, chamados «tripots», ganhava adeptos de tal modo que, no final do século XVI existiam em Paris 250 salas, 40 em Orleans e 22 em Poitiers. Em Paris, no ano de 1596, o jogo da pela dava trabalho a 7 mil pessoas, fabricantes de bolas e de raquetas, guardas e empregadas de limpeza dos recintos, marcadores dos jogos, etc. Começou a jogar-se a dinheiro: alguns reis o fizeram praticando o jogo ou assistindo às partidas, e os espectadores apostavam sobre os resultados.

Em Portugal, entretanto, o Rei D. Duarte escrevia «A arte de bem cavalgar toda a sela», mas a cavalaria não registou o desenvolvimento verificado noutros países.

Em Inglaterra, no século XIV, um dos desportos preferidos era o  *tiro com arco*, embora decorrente da preparação guerreira. O facto deu vantagem às tropas



O jogo da pela teve grande aura em França, com muito incremento em Paris e Orleans. Depois esmoreceu. Importado pelos ingleses viria a tornar-se o jogo do Ténis



Os «torneios», um dos desportos de combate da Idade Média disputavam-se entre cavaleiros protegidos, por vezes, com armaduras, usando lanças embotadas, o que nem sempre protegiam os que eram atingidos.

inglesas nas guerras com a França, porém, como o povo perdesse o entusiasmo por tal prática dedicando-se a outros jogos, o Rei Eduardo III, em 1363, entendeu por bem mandar publicar um decreto, cuja tradução nos informa sobre outras práticas desportivas do tempo:

– «Tomando em consideração que o povo do nosso reino praticava até ao presente, para seu prazer, o *tiro com arco*, e todos sabem que daí resultaram grandes honras e vantagens no que concerne à guerra, com a ajuda e assistência de Deus, e que, presentemente, essa arte foi abandonada, e que os jovens se divertem a *lançar pedras*, a *jogar aos paulitos* e mesmo ao «*hurling at goales*», à *luta* e a organizar *combates de galos*, outros ainda a jogos ignóbeis, tanto inúteis como malsãos; razões pelas quais o reino inteiro ficará quase desprovido de arceiros dentro de pouco tempo, o que Deus condena. Nós, desejando aplicar uma medida conveniente, ordenamos que todos os homens, são de corpo, deverão servir-se dos arcos, dardos e flechas em todos os dias de festa. Ficam proibidos o lançamento de pedras, o *jogo da malha*, o «*mail*», o «*hurling at goales*» ou outros jogos estúpidos como estes, que não têm qualquer utilidade, sob pena de prisão.»

Facto semelhante verificou-se em França no reinado de Carlos V em decreto datado de Abril de 1369.

As reminiscências do «*harpastum*» greco-romano não se perderam aparecendo na França sob o nome de «*soule*», na Inglaterra como o «*hurling over country*», primeiro, depois transformado em «*hurling at goales*» e na Itália designado por «*calcio*». No «*hurling*» («*hurl*» significa acção de atirar, arremessar e também tumulto, confusão), as bolas eram fabricadas com bexigas de porco, seleccionando-se as menos irregulares quanto à esfericidade e, depois insufladas e recobertas com cabedal. Este processo constituía já uma evolução em relação às bolas pesadas do «*harpastum*» (invólucros de couro cheios de sementes) e dos primórdios do «*hurling over country*» (odres cheios com sêneas).

Os grupos adversários eram formados por dezenas de jogadores no «*hurling over country*», por vezes todos os habitantes jovens masculinos de duas povoações, consistindo em impelir a bola com as mãos ou com os pés, para além das linhas de golo traçada a toda a largura nas cabeceiras de cada campo.

Em França, a «*soule*» jogava-se nos campos em ocasiões festivas (dias de Natal e Ano Novo, na Quaresma, no Carnaval, etc.) com um odre cheio de sêneas ou farelo, preferentemente tendo lugar na província. Os cidadãos preferiam a «*pela*». A «*soule*» assemelhava-se ao «*hurling over country*» e, de ambos resultou o raguebi actual, cuja implantação se iniciou justamente na Grã-Bretanha e na França. Segundo descrições de então, apenas era jogada à mão, procurando-se transportar a bola até um ponto determinado do campo adversário, ou fazê-la passar entre duas estacas. À «*soule*» jogada em grandes espaços, sucedeu a «*soule curta*», praticada em terrenos à volta de 100 metros de comprido.

Também o «*hurling over country*» deu lugar ao «*hurling at goales*» jogado por equipas de 30, 20, 15 jogadores em terrenos de dimensões de cerca de 100 metros. As balizas eram constituídas por pequenos molhos de lenha separados 3 a 4 metros. Como a «*soule*», era um jogo violento, porque os adversários se atiravam ao possuidor da bola, ou aos que pretendiam jogá-la, quer para a arrebatarem, quer para impedir as jogadas. O rei D. João I da Inglaterra (1603-1625) recomendava ao seu filho Henrique a prática do salto, da luta, da equitação e da pela, com exclusão do «*hurling at goales*». Jogo que, no entanto, se popularizou chegando a jogar-se entre rapazes nas praças e ruas de Londres. Como curiosidade refira-se que um escritor inglês ataca este jogo na obra «*Anatomia dos abusos*» (1583) classificando-o de «*sanguinário*» e «*mortífero*».



O lançamento da pedra, antecedente do lançamento do peso, efectuava-se integrado com outras provas (corridas, saltos e lançamento do martelo de ferreiro) em finais do século dezassete, princípios do século dezoito, na Escócia durante os tradicionais Highland Games.

Passando à Itália de épocas aproximadas, afirmam os historiadores que foi em Florença, no ano de 1530, que nasceu o jogo do «*calcio*» como e ainda, tendo origem no «*Harpastum*» greco-romano. Equipas formadas por 27 jogadores, já compartimentadas por sectores (avançados, médios, três quartos e defesas).

No entanto, em fins da Idade Média, na Itália, os jogos de bola eram variados, agrupando-se em quatro tipos: um jogado ao punho, outro usando braçadeiras ou braçais, o terceiro usando um batedor e o quarto ao pontapé ou à mão. Este último era o «*calcio*», denominação que não tem a ver com o «*calcio*» actual em Itália, que é um desporto importado da Inglaterra.

Para além dos jogos com bolas, os povos britânicos dedicaram-se a tipos de lançamento primitivos, da pedra, do martelo de ferreiro, e também às corridas e aos saltos, os quais, no entanto, existiam mais como actividades tradicionais. A luta viveu, tanto na Inglaterra como na França, e os próprios reis não desdenhavam a sua prática. Mas o conjunto de jogos com bola («*esférica*») manteve-se influente do Japão à América do Sul, derivados de uma característica comum, a forma esférica, a única que não tem lados nem bases, podendo rolar em qualquer direcção desde que convenientemente impulsionada.

Uma referência, ainda, para o «*mail*», um jogo semelhante à «choca» portuguesa, que despontou tanto em Inglaterra, como em França, jogado com um pequeno maço de forma cilíndrica, provido de um cabo, batendo-se uma bola pequena, geralmente do tamanho da actual bola de hóquei. Outro jogo semelhante foi o «crosse», nome derivado do taco ou «stick», cabo alongado curvo na extremidade com o qual se batia uma bola pequena. Também na Escócia se praticava este jogo, ali denominado «shinty», o qual passou a Inglaterra dando origem ao hóquei em campo actual. Do «crosse» derivou o golfe.

Reduzidos os poderes dos senhores feudais, fortalecidas as monarquias absolutas, a vida da corte trouxe novos hábitos, as classes mais favorecidas sedentarizaram-se, tendo caído em desuso as justas e os torneios. Os reis já não jogavam a pela. Fazia-se vida de salão, incrementando-se os jogos de interior como o bilhar, o xadrez e as damas. Os trajes ricos abundam, com rendas, folhos, cintas e corpetes, e também as perucas. Divertiam-se assim os cortesãos.

Com a progressiva implantação da instrução, e porque nos colégios, geralmente de índole religiosa, os estudos eram prolongados e a disciplina rígida, foi despertada a atenção dos pensadores, filósofos e pedagogos para a educação incompleta proporcionada aos jovens, pela falta de jogos e de exercícios físicos em geral, nos locais de ensino. Os franceses Montaigne e Rabelais, e o filósofo inglês Locke, defenderam em textos incisivos a prática dos exercícios físicos pela juventude. O último escreveu: «Não é uma alma, não é um corpo que se educa, é um homem». Criticando a disciplina demasiado rígida dos colégios, defendeu um programa em que «os jogos e os exercícios físicos sejam uma boa parte do estudo». Era a reaparição da cultura integral dos gregos antigos.

Durante largo período a esgrima e a equitação constituíram as únicas actividades de carácter desportivo, tendo proliferado, para as respectivas aprendizagens, as salas de armas e os picadeiros. A esgrima moderna esboça-se no século XVII, porquanto a espada deixou de servir para os fins porque era usada com o aparecimento das armas de fogo.

Surgiram, entretanto, no Reino Unido e na sequência de jogos mais primitivos, os primórdios do *golfe* e do *criquete*, desportos que, com o decorrer do tempo viriam a granjear grande popularidade nas Ilhas Britânicas, sobretudo o segundo. A plebe dedicava-se à luta e às corridas pedestres, nos dias de festa tradicionais, especialmente. O golfe, mais praticado na Escócia viu o seu *primeiro clube formado em 1608*. Terá sido, talvez, o primeiro sinal de associativismo desportivo.

Para os estudiosos e pedagogos, perante o desenvolvimento crescente da escolaridade, reacendeu-se o problema de contrabalançar as muitas horas passadas pelas crianças e jovens sentados nos bancos das escolas. Filósofos, médicos e sociólogos juntaram-se-lhes também na defesa da utilidade dos exercícios físicos para uma educação mais completa e equilibrada.

O reverendo Kingsley, também em Inglaterra, e possivelmente na época dos escritos de Montaigne e Rabelais, iniciou na imprensa do tempo, uma campanha a favor das práticas desportivas nas escolas, como reacção ao imobilismo e a certas depravações dos internatos. O movimento designou-se «muscular christians» (cristãos musculados) e levantou muitas polémicas, tendo-se sustentado que tais práticas fariam baixar o nível de estudos e desmoralizariam a juventude, desvirtuando as suas características próprias.

Na sequência das teorias defendidas pelos pensadores, surgem os práticos, aqueles que puseram em execução nos campos e nos ginásios, aquilo que aqueles vinham propondo. Foram quatro os primeiros grandes percursores da Educação Física Moderna, a saber:

- *Amorós* (1769), militar espanhol que se estabeleceu em França, onde criou um ginásio modelo, subsidiado pelo estado francês, e equipado com aparelhos fixos e portáteis. Defendia um sistema variado e utilitário de exercícios, em que incluía as corridas, os saltos e destrezas várias.
- *Ling* (1776), sueco, dedicado à poesia e à prática da esgrima, elaborou um sistema de ginástica, que se tornou mundialmente conhecida por «ginástica sueca», essencialmente adaptável e correctivo, que se podia aplicar tanto aos jovens como aos adultos. Era um tanto estático e foi sofrendo modificações.
- *Jahn* (1778), patriota alemão, pensava que as derrotas militares do seu país se deviam à debilidade da juventude. Lançou os alicerces do que mais tarde viria a ser a ginástica desportiva, de aparelhos ou olímpica. Visava tornar os jovens homens fortes e robustos. Utilizava, como aparelhagem, as paralelas, a barra fixa, e o «cavalo», mas não desdenhava as corridas, os saltos e a esgrima. As práticas e os grandes festivais, que organizava periodicamente, efectuavam-se ao ar livre, nas «turnplatz», uma espécie de polidesportivo ou de ginásio descoberto.
- *Thomas Arnold* (1795-1842), inglês, clérigo e reitor da «public-school de Rugby. Introduziu as práticas desportivas no sistema escolar dos internatos ingleses, entregando a organização das competições aos próprios alunos, deste modo afastando-os de práticas menos correctas (jogos de cartas, libações, etc.) durante os tempos livres na vida do internato. O esquema resultou plenamente e depois foi imitado por outras escolas. Os alunos, depois entrados nas universidades já motivados pelo desporto, desenvolveram e expandiram a sua prática, e quando licenciados e docentes em outros colégios do país, propagaram as competições desportivas. O meio escolar, como é evidente, levou à elaboração mais meticulosa das regras e ao respeito pelo seu cumprimento e pelos adversários. O «fair-play» (espí-

rito desportivo), e o «sportmanship» (desportivismo) incrustaram-se firmemente no desporto inglês da época.

O século XVIII como que preparou a enorme expansão do desporto que se veio a verificar no século seguinte. Tanto na Grã-Bretanha como na França, nobres e burgueses passaram a interessar-se mais pelos desportos, mas mais para ver do que para praticar. A caça à raposa torna-se privilégio da classe alta. As corridas de cavalos, nos hipódromos, concitam a atenção de multidões, institucionalizando-se as apostas. Em 1750 funda-se o Jockey Club. Surge o boxe, praticado primeiro a punhos nus pelas gentes do povo, mas patrocinado pelos «gentlemen», e as corridas pedestres percorrendo-se longos quilómetros em estrada, um e outras suscitando, igualmente o negócio das apostas.

Os pedestrianistas, na falta de pistas próprias, corriam e competiam nas estradas e nos hipódromos e, inicialmente, equipavam-se como os jóqueis. As salas de armas proliferavam. As provas em voga eram as corridas de longa distância. Assim, em 1788, o público acorreu ao hipódromo de Newmarket para ver correr o pedestrianista Evans que ia tentar bater o recorde da hora, pertença de Thomas Carlisle, o qual, em 1740 percorrera 17 quilómetros e 300 metros nos 60 minutos. Escreveram os cronistas do tempo, que se apostou na hipótese de êxito de Evans como se se tratasse de um cavalo. Ao fim e ao cabo o recorde foi batido por 100 metros. Também motivado pelo acicate das apostas e dos prémios para os competidores, outro pedestrianista, Foster Powel, correu as 50 milhas (80 kms e 850 metros) de Londres a Bristol, em menos de 7 horas.

Os pedestrianistas do tempo eram profissionais ou semi-profissionais. Surgiram, posteriormente, as competições em distâncias mais curtas, na milha (1.609m.) e no quarto de milha (440 jardas = 402,160m).

O boxe, a punhos nus, praticava-se nas salas situadas nas traseiras dos «pubs». Um certo James Figg foi proclamado campeão em 1719. Mais tarde, Jack Broughton, antigo barqueiro do Tamisa, fundou então uma academia, misto, inicialmente, de sala de boxe e de armas, onde se ensinava a «nobre arte da defesa pessoal». Como a esgrima caísse em desuso, quando se inventaram as armas de fogo, só o boxe continuou. Em 1747, Broughton iniciou o uso das luvas de boxe, não para atenuar a violência dos golpes recebidos, mas sim para proteger as mãos dos que esmurravam.

As referências portuguesas a respeito das práticas desportivas são escassas. O rei D. Duarte (séc. XV) versado em autores da Antiguidade e conhecedor dos doutores da Igreja, cognominado o Eloquentes, escreveu «O Leal Conselheiro», além do já citado «Livro de ensinança de bem cavalgar toda a sela». As montarias foram, também entretenimento dos nobres.

As ideias da educação integral a germinar nos países europeus mais avançados tiveram, possivelmente, algum eco em Portugal e, no tempo do rei D. José (1781) o «Real Colégio dos Nobres» dispunha de três professores para as actividades de

esgrima, equitação e dança. Eram, ainda, resquícios dos tempos dos fins da Idade Média e princípios da Renascença, provindos da França e da Inglaterra.

No campo desportivo, o século XVIII foi marcado pelo grande avanço verificado na Grã-Bretanha. Certamente que a Revolução Industrial, o começo da Era da Máquina, trouxe a redução das horas de trabalho e, portanto, mais tempo livre, lazeres.

Os primeiros clubes desportivos nasceram nas universidades inglesas e, ao princípio, as modalidades praticadas eram o «hurling at goales», o corta-mato (cross-country=corrida através do campo), o «cricket» e o remo, onde existissem planos de água.

Mas não só nas universidades e nas «public-schools» se praticava o desporto. A igreja também favorecia essa via e clubes houve originados nas actividades culturais das paróquias, podendo citar-se o caso do Aston Villa, clube de futebol. O atletismo, desconhecido praticamente, na Idade Média, foi reencontrado pelos ingleses, certamente inspirados nas corridas e concursos da Antiguidade.

No século XIX vai registar-se um ainda maior incremento desportivo, estruturando-se a sua prática e alargada a várias classes sociais, embora vencendo dificuldades. Formam-se clubes, codificam-se regras e surgem os primeiros encontros entre as Universidades de Oxford e Cambrige, com a primeira competição de Atletismo efectuada em 1864.

A meio do século XIX as práticas desportivas apresentavam os seguintes três aspectos:

– *Desporto Profissional*: Hipismo, Boxe e Corridas Pedestres.

Com características vincadas de espectáculo, dando sempre lugar a apostas quanto ao resultado das competições. No pedestrianismo chegaram a disputar-se corridas de seis dias.

– *Desporto Escolar*: «Public-schools» e Universidades.

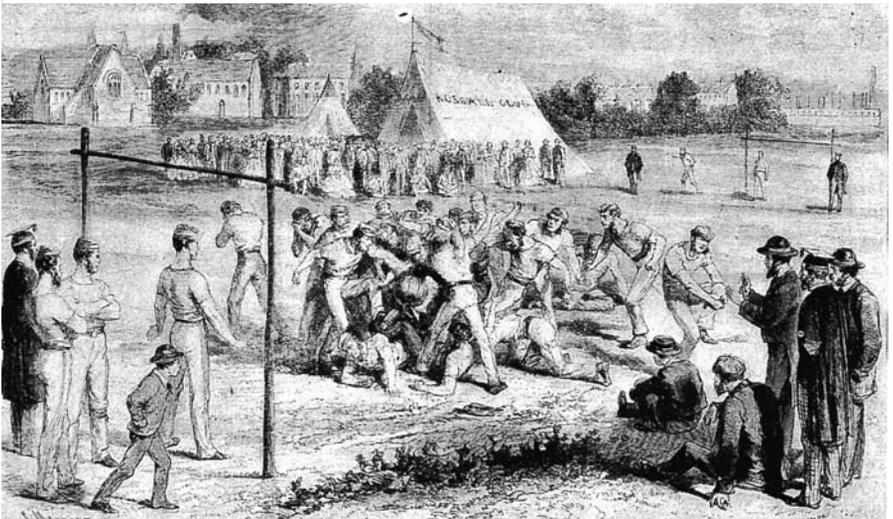
– *Desporto Selectivo Amador*: Raguebi, Criqueete, Remo, Golf, Atletismo e Esgrima.

Praticados em competições por assim dizer oficiais, pelos «gentlemen» e burgueses. O futebol, fora do âmbito escolar, começou a enveredar por um sistema híbrido, nos meios civis operários em que já havia indemnizações por salários perdidos.

Mas a defesa de um amadorismo intransigente levou o organismo que pontificava no Remo, resolução também aplicada pelo Atletismo a estipular draconianamente:

– «É amador todo o «gentlemen» que nunca tenha participado em competições públicas abertas a toda a gente, ou para ganhar dinheiro proveniente dos bilhetes de ingresso ou doutras origens; ou tenha competido com profissionais por um prémio ou por dinheiro das receitas de bilheteira; que nunca tenha sido professor ou monitor de exercícios desportivos para ganhar a vida; que não seja nem operário, artífice ou jornaleiro».

Quanto a Portugal, em meados do século XIX, devem ter chegado os ecos do movimento desportivo que grassava nos países europeus mais desenvolvidos. Ainda em relação às instituições militares, refira-se que a ginástica é introduzida na Escola Militar em 1863, na Escola Naval em 1866 e no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, também em 1866. No entanto, os ginásios instalados em alguns liceus só surgiriam em 1908. Mas a actividade desportiva no meio civil, com tentativas esparsas de competições de Vela e de Remo, existiam desde 1852, o que levou, com a aprovação e apoio da Casa Real, à formação do clube náutico *Real Associação Naval*, aprovada na primeira assembleia geral, em acta de 6 de Abril de 1856. Em 1875 nascia o segundo clube nacional, o *Real Ginásio Clube Português*, primeiramente dedicado à ginástica, com influência dos artistas que se exibiam no «Circo Price». Este clube viria a tornar-se de grande eclectismo e de enorme influência no desenvolvimento do desporto português, alargando a prática dos seus associados à esgrima, ciclismo, tiro, equitação e outras modalidades.



Nas primeiras décadas do século dezanove, nos grandes colégios ingleses, com a assistência de professores, processava-se, assim, a transição de «hurling at goales» para o futebol, distinguindo-o do raguebi

A introdução do futebol em Portugal tem duas versões. Uns atribuem o evento ao inglês Harry Hilton, o qual teria organizado um jogo no Funchal, em 1875. Julga-se que essa acção não terá tido continuidade, não passando de um caso isolado, esporádico. Outros reportam-se à acção dos três irmãos Pinto Basto. Eduardo e Frederico a estudar em Inglaterra, praticaram ali o jogo, e quando regressaram a Portugal trouxeram bolas e botas. O seu irmão mais velho, Guilherme, entusiasmou-se pelo jogo, tendo organizado num domingo de Outubro de 1888, no Jardim da Parada, em Cascais, o primeiro encontro de futebol. Essa exibição só teve continuidade em desafio efectuada a 22 de Janeiro de 1889, nos terrenos onde mais tarde foi construída a Praças de Touros do Campo Pequeno. À boa maneira inglesa, as equipas foram formadas por jovens da alta sociedade e burguesia endinheirada de então.

Na Inglaterra, e a partir do «hurling at goales», gerou-se controvérsia quando das primeiras tentativas para regulamentação do jogo que tinha entrado nas práticas dos alunos sobre os relvados que circundavam as «public-schools» e as universidades. Na altura, embora se pudesse parar a bola com as mãos, os pés, ou qualquer outra parte do corpo, só com os pés se poderia fazer avançá-la no terreno, tudo no meio de grande barafunda, de empurrões e de placagens. Em 1823, um aluno de Rugby, W. Elis, de 16 anos, tomou a bola nas mãos e correu direito à linha de golo adversária. Foi, segundo a norma de então, uma falta. A ideia, no entanto, germinou, e o transporte da bola passou a ser admitido, mas não o passe mão-a-mão. Como o jogador na posse da bola podia ser placado, empurrado e rasteirado, o jogo tornou-se sobremodo violento, não sendo raras as fracturas graves.

Pouco a pouco, em certos meios, a prática tomou um caminho diferente, pois determinava-se que apenas se podia fazer progredir a bola, no campo adversário, com os pés. Era o chamado «dribbling game» ou o «simple-play». Foi desta controvérsia e com as formações das federações inglesas de «Foot-ball Rugby» e de «Foot-ball Association» respectivamente em 1871 e 1863, que nasceram o que apenas se veio a designar mais tarde, simplesmente por raguebi e futebol. Só que o primeiro esteve, desde o início restrito aos clubes de índole escolar e universitário, de carácter estritamente amador. O raguebi, então disputado entre equipas de 20 jogadores, viu este efectivo ser reduzido para 15, o qual se manteve até hoje. No seu seio, uma facção popular que pretendeu admitir o semiprofissionalismo, com indemnizações por salários perdidos e pagamento das deslocações, não foi admitida, acabando por desligar-se e formar uma União de Raguebi de 13 jogadores da características profissionais, que ainda hoje existe tanto na Grã-Bretanha como na França, todavia sem o impacto, longe disso, do raguebi de 15.

O futebol, menos intransigente, com muitos clubes desligados da influência universitária, *aceitou reconbecer o profissionalismo em 1885*. Três anos depois formou-se a Liga Inglesa de Futebol, embora estritamente em conexão com a

Federação de Futebol, e sugeriu que os seus clubes se transformassem em sociedades anónimas. Assim se fez, e a partir de 1892, a Liga contava 28 clubes-sociedades para um campeonato com duas divisões.

Os ingleses acolheram, também, os princípios do jogo da pela, até a contagem dos pontos, e o major Wingfield inventou o *ténis*, registando oficialmente as suas regras em 1874. A bola em «caoutchou» existia já desde 1870. As regras do jogo, como aconteceu com todos os desportos, foram modificadas mais tarde (1875). Relembre-se que a célebre competição da «Taça Davis», que continua nos nossos dias, se iniciou em 1900.

Outro jogo de raqueta, o «*badmington*», teve origem em jogo indiano e também como no jogo da pela, batendo à mão não uma bola, mas uma meia-bola, incrustada de penas, pelo lado contrário. Foram oficiais britânicos regressados da Índia, então colónia inglesa, que introduziram o jogo na Europa, por volta de 1873. Chegaram-se a utilizar rolhas de garrafas de champanhe, onde se implantavam penas longas. Inicialmente foram utilizadas as raquetas do jogo da pela.

O «*ping-pong*», ou *ténis de mesa*, considerado um jogo de sala inglês, existiu desde 1880, mas só foi codificado 40 anos mais tarde, começando a verdadeira expansão mundial quando surgiram as raquetas com revestimento de borracha.

Como no caso do atletismo, a *natação*, nos seus primórdios, consistiu em provas de longa distância, efectuadas nos rios, lagos e no mar. Relembre-se que as competições dos primeiros Jogos Olímpicos Modernos (1896) tiveram lugar nas águas do porto do Pireu, em Atenas. Em Inglaterra, os clubes a ela dedicados agruparam-se desde 1869, começando a competir em provas de distâncias mais curtas, facto igualmente ocorrido no atletismo.

Os Estados Unidos seguiram a tradição escolar e universitária inglesa. Dois desportos, críquete e raguebi, sofreram modificações radicais, passando a constituir modalidades completamente diferentes, o «*basebol*», e o «*futebol americano*». Em 1891, um professor de Educação Física do Colégio de Springfield, acedendo ao pedido do respectivo director para que criasse um jogo de interior, sem brutalidades, para ser jogado no Inverno ao abrigo das intempéries, inventou o *basquetebol* (traduzido do inglês «bola ao cesto»), porque tendo requisitado duas caixas lhe forneceram dois cestos («baskets») da apanha de pêssegos. Dois anos mais tarde (1893), um educador de outro Colégio Y.M.C.A. (Youth Men Christian Association), em Portugal (Associação Cristã da Mocidade), imaginou separar duas equipas por uma rede larga e alta, batendo-se uma bola leve, com as mãos, de um para outro lado. Estava inventado o *voleibol*, modalidade que não seduziu os norte-americanos, como no caso do basquetebol.

Claro que o *ciclismo* nasceu com a invenção da bicicleta. Ao princípio, em França, consistia apenas numa trave sobre duas rodas alinhadas, isto em 1790. Só em 1855 se introduziram os pedais, passando então o engenho a constituir verdadeiramente uma bicicleta, ou biciclo. Em 1868 efectuou-se a primeira competição, escolhendo-se o percurso entre Paris e Rouen (123 kms). Dos concorrentes, 200 à partida, apenas chegaram 50. O vencedor gastou o incrível tempo

de 10 horas e 34 minutos. Ao tempo, a bicicleta tinha uma roda dianteira enorme em cujo eixo se aplicavam os pedais, com 1,20m de diâmetro, e a traseira com apenas 40 centímetros.

Tanto em França, como na Inglaterra, especialmente neste país, os primeiros clubes desportivos formaram-se nos estabelecimentos de ensino. Os encontros inter-clubes generalizaram-se. O primeiro Oxford-Cambridge universitário de atletismo, em provas de pista, teve lugar em 1864. Os saídos das universidades, diplomados ou não, foram incentivando a criação de mais clubes em meios sociais já por si também entusiasmados com as competições desportivas.

Em 1873, em França, formou-se a União das Sociedades de Ginástica, imitando os «Turn» alemães surgidos na sequência da acção iniciada por Jahn, e teve a melhor colaboração dos monitores formados na Escola de Joinville, instituída em 1852. Outros organismos se foram criando, agrupando por modalidades os clubes existentes. Era o começo do que hoje se designa por *desporto federado*, nessa altura, e por larguíssimas décadas, sem interferência dos poderes políticos.

O movimento desportivo infiltrou-se, pouco a pouco, na sociedade em geral, organizando-se civilmente, fora da égide dos governos dos vários países. Prolife-

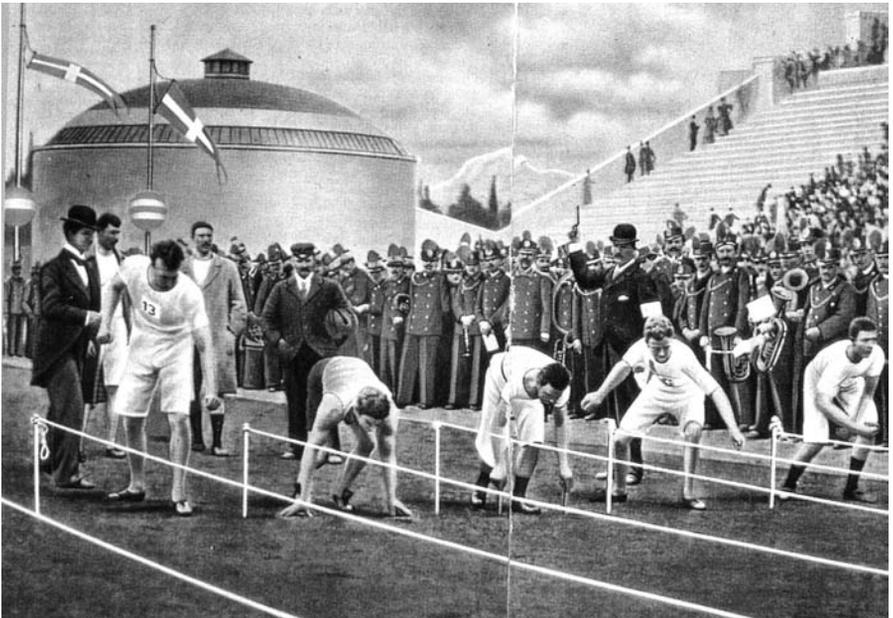


O biciclo, nos meados do século dezanove, todo em ferro, com diâmetros desproporcionados das rodas e os pedais inseridos no eixo da roda dianteira

rando os clubes, elegeram-se associações regionais e federações nacionais, o que não acontecera na Idade Média e nos dois ou três séculos seguintes. Na verdade, o século XIX constituiu o período do arranque definitivo do Desporto Moderno. Foram surgindo as estruturas físicas e aparelhagens. Para além dos ginásios e hipódromos, construíram-se terrenos para o futebol e o raguebi, as pistas para o atletismo com caixas de salto e círculos de lançamento, e, ainda, as piscinas e os velódromos, com a bicicleta a conquistar razoável implementação. Outros desportos que também continuaram na senda do desenvolvimento foram o boxe, a luta, seguidos pela halterofilia.

Por essa época, descobrira-se, na Grécia, o local onde se efectuavam os Jogos Olímpicos Antigos que, evidentemente, se sabia existir, mas não onde, tendo-se começado as escavações, primeiro pelos franceses, depois pelos alemães em 1875. Tal facto despertou muito interesse nos meios desportivos dos vários países, e motivou, por certo, um jovem dirigente francês, Pierre de Coubertin, para a ideia de instituir os Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Tendo estudado, e viajado, na Inglaterra, Coubertin sofreu a influência das práticas desportivas inglesas lançadas por Thomas Arnold nas «public-schools»,



A partida da final da corrida dos 100 metros nos primeiros Jogos Olímpicos Modernos efectuados no ano de 1896, em Atenas. Pistas demarcadas por cordas e partidas em vários estilos, com o norte-americano Burke, o vencedor, a usar a partida agachado, então novidade, que ainda hoje é usada nas provas de velocidade.

arvorando-se em defensor acérrimo da educação física escolar em França, bem como do desporto ético, imbuído daquilo que os ingleses designaram por «fair-play» (jogo limpo) e «sportmanship» (desportivismo). Viajou, ainda, para os Estados Unidos, e outra vez para Inglaterra, países onde manteve contactos com os meios desportivos e universitários ligados ao desporto.

Sendo então secretário, aos 27 anos, da União Francesa dos Desportos Atlético, Coubertin organizou uma competição de Atletismo França-Inglaterra (1890). Por essas alturas, uma equipa universitária dos Estados Unidos efectuou uma digressão por alguns países europeus.

Entretanto, Pierre de Coubertin lançou publicamente, e pela primeira vez, numa conferência proferida em Paris no ano de 1892, a ideia da Renovação dos Jogos Olímpicos Antigos. O assunto não entusiasmou a assistência e até se registaram críticas. Mas o jovem e rico Coubertin não esmoreceu nos seus intentos e, taticamente, organizou em 1894 um Congresso Mundial do Desporto, basicamente para tratar e discutir a querela entre o amadorismo e o profissionalismo nas práticas desportivas, e para o qual conseguiu a presença de personalidades inglesas e norte-americanas, que sabia «navegarem nas suas águas». À última hora, Coubertin acrescentou aos itens do Congresso um outro: «Da possibilidade da Renovação dos Jogos Olímpicos Antigos». Finalmente, *a 23 de Junho desse ano de 1894*, no grande Anfiteatro da Sorbonne, a proposta foi aprovada, depois de escolhida a constituição do primeiro Comité Olímpico Internacional e, após certa discussão, marcada a realização dos primeiros Jogos Olímpicos Modernos para o ano de 1896, em Atenas, como homenagem à pátria dos Jogos Antigos. Presidiu a esse comité o grego Vikelas, ficando Coubertin com o lugar de secretário.

De facto, tratava-se de um «sonho» pois ao tempo da efectivação desses primeiros J.O. somente existiam três Federações Internacionais (F.I.). Como é de calcular, ao tempo os meios de comunicação, bem como os transportes, eram incipientes e lentos, os clubes desportivos poucos e as federações nacionais por modalidades ainda raras.

Esses primeiros J.O. tiveram apenas a participação de *295 atletas*, todos homens, representando somente *13 países*, competindo em *10 modalidades*.

Nos jogos de 1900 participaram, pela primeira vez, as mulheres, em número de 11. Este número ascendeu a 2.481 nos Jogos de Seul, em 1988, onde os países participantes foram 160, o total de atletas masculinos de 7.218, o de modalidades 26 e o de competições disputadas 237.

Hoje, a panóplia do Desporto Mundial, congrega, contando com entidades afins, 175 Federações Internacionais, milhões de clubes e biliões de praticantes federados ou ocasionais.

Numa visão de conjunto das actividades recreativas sócio-culturais e de espectáculo, terá de admitir-se a seguinte opinião de um abalizado autor: «O Desporto é, hoje, a maior paixão da Humanidade, constituindo as suas exhibições os maiores espectáculos do Mundo, designação que, decénios atrás, se applicava aos espectáculos de circo».

Modernamente, o aumento dos tempos livres (ócios-lazeres), as facilidades dos transportes, a proliferação (não em todos os países) das instalações gimno-desportivas, conduziram a uma maior expansão das práticas desportivas, todavia condicionada não só pelas condições sócio-económicas, como pelo temperamento e disponibilidades mentais e culturais das populações.

Com a importância do desporto sempre em crescendo, começaram a surgir, há várias décadas, nos países mais desenvolvidos, departamentos estatais para apoio, geralmente financeiro e logístico, ao desporto. Tal conduziu a uma tutela parcial ou total (caso, ao tempo, dos países de Leste) das práticas desportivas por parte dos respectivos governos. No entanto, o movimento do Desporto Federado tem mantido na maior parte dos países uma independência, mais ou menos alargada, característica advinda desde o início do desenvolvimento do Desporto Moderno, nos séculos XVIII e XIX.

A sucessiva criação das muitas F.I. trouxe, a cada uma das modalidades, ordem e unidade. A jurisdição de cada uma sobre os países praticantes e nelas filiados, impôs disciplina, códigos e regulamentos. Tal permite as competições em qualquer ponto do globo, entre regiões e países, sem discrepâncias. Foi o universalismo desportivo propugnado por Pierre de Coubertin.

O intenso desenvolvimento desportivo das últimas décadas, levou por um lado, ao aperfeiçoamento dos métodos de treino, ao emprego de novos e sofisticados materiais – pistas de atletismo em polieuretano, barcos a remos em fibra de carbono, varas para salto em fibra de vidro – por outro, ao controlo científico das qualidades e dos progressos dos atletas por intermédio de aparelhagem aperfeiçoada, nos centros de medicina desportiva. É a ciência do Desporto, o desporto tecnológico.

Por fim, a cada vez maior importância concedida aos resultados vitoriosos, aos títulos conquistados, aos quais, no profissionalismo estão adreces elevadas verbas, conduziram ao que se considera as chagas do Desporto Moderno, que são a indisciplina, a violência, a corrupção e o «doping».